

IS Working Papers

3.ª Série, N.º 78

Os Estados Unidos da América nas letras de Bruce Springsteen: Ensaio académico

Diogo Leal Magalhães

Porto, março de 2019



Os Estados Unidos da América nas letras de Bruce Springsteen: Ensaio académico

Diogo Leal Magalhães

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

diogo.leal.magalhaes@gmail.com

Submetido para avaliação: Outubro 2018/Aprovado para publicação: Março 2019

Resumo

Nascido na pobreza, Bruce Springsteen é exemplo de uma história típica que ilustra a narrativa do “Sonho Americano”, aquele em que as pessoas podem triunfar e atingir o sucesso. De New Jersey para o Mundo, o músico conquistou muitas pessoas com as suas músicas que chegaram aos corações de milhões através de letras com narrativas palpitantes e que não são desprovidas de realismo. Este ensaio argumenta que as letras de Bruce Springsteen que se centrem em factos históricos da História dos Estados Unidos da América apresentam um país como ele foi e como é agora. Por uma questão de diversidade, a seleção das letras foi feita para analisar períodos diferentes da História americana.

Palavras-chave: Bruce Springsteen, Estados Unidos da América, letras, imigrantes, Vietname, crise financeira.

Abstract

Born into poverty, Bruce Springsteen’s story is one that illustrates well the narrative of the “American Dream”, that in which people believe they can triumph and achieve success. From New Jersey to the World, the musician won many people’s attention with his music that touched the heart of millions through lyrics with vibrant narratives and that are not devoid of realism. This essay argues that the lyrics by Bruce Springsteen that center around historical facts of the History of the United States of America tell the story of how the country was and is in the present moment. For the sake of diversity, the selection of lyrics was made with the objective of analyzing different periods of the American History.

Keywords: Bruce Springsteen, United States of America, lyrics, immigrants, Vietnam, financial crisis.

Introdução

Contar uma história, real ou fictícia, é algo que pode ser feito das mais variadas formas. Além dos relatos orais, os homens das cavernas também recorriam a desenhos para comunicar estórias (Mendoza, 2015). Existe também a fotografia, a música, a literatura, o cinema e a pintura como formas de comunicar histórias e estórias.

Do conjunto de todas as artes, para se ter acesso às narrativas, Ryan (2004) considera que a música é a melhor escolha, pois é a arte mais acessível. Podemos ouvir música ao mesmo tempo que disfrutamos de todas as artes (um dos elementos do cinema até são as bandas-sonoras). O contrário já não acontece: não é possível disfrutar da literatura e da fotografia ou da literatura e do cinema ao mesmo tempo. A música pode ser puramente instrumental, composta somente por instrumentos musicais, ou pode ser acompanhada por vozes que recitam letras. Essas letras podem ser baseadas na realidade ou podem ser pura invenção do artista que as escreve.

Quando as letras de uma canção são baseadas na realidade e na História, têm a possibilidade de chamar à atenção a factos desconhecidos pelas pessoas.

Músicas como as deles [Neil Young, Bob Dylan, Nas e Biggi] (...) têm o impacto lírico de acordar os ouvintes de um estado de passividade e fazer prestar atenção às palavras (Berkowitz, 2013).

O que é que distingue os artistas mencionados por Berkowitz de muitos outros do mundo da música? Young e Dylan, do rock e *folk*, e Nas e Biggi, do *Hip-Hop* compõem letras com mensagens baseadas em experiências reais de vida.

Outro artista que compõe um grande número de músicas com inspiração em acontecimentos reais é Bruce Springsteen, que já escreveu letras para canções sobre temas muito variados, mas o pano de fundo é comum a quase todas elas: os Estados Unidos da América.

Springsteen nasceu a 1949, no estado de New Jersey, e a sua história de ascensão é um típico conto de “sonho americano”. Crescendo numa cidade pobre e no seio de uma família sem grandes meios, Springsteen sempre mostrou gosto para a música, formando nos seus anos de juventude bandas com os seus amigos¹. Depois de muitos espetáculos em vários bares e clubes, a maioria em New Jersey, Springsteen captou a atenção de John Hammond, caça-talentos da editora discográfica Columbia Records. O seu primeiro álbum de originais, “Greetings from Asbury Park, N.J.” foi lançado em

¹ Springsteen recebeu a alcunha “The Boss” porque era sua responsabilidade receber e distribuir o dinheiro após as atuações.

1973. Desde então, lançou mais 17 álbuns de estúdio, e conquistou nove Grammys, cinco MTV Music Awards, e até um Óscar, em 1994, de Melhor Canção Original – “Streets of Philadelphia” - e um Special Tony Award (2018).

Hoje em dia, Bruce Springsteen é considerado por muitos como um ícone americano², não só pelo facto de um dos seus álbuns com mais sucesso, “Born in the USA”, ter na capa uma bandeira americana e o próprio músico em roupas muitas vezes associadas aos trabalhadores de colarinho azul. Springsteen apareceu num momento difícil para os Estados Unidos:

Bruce Springsteen deu às pessoas fé no rock & roll e nelas próprias outra vez. Em 1975, quando ‘Born to Run’ foi lançado, fãs de rock & roll americanos ainda estavam abalados com as mortes de Jimi Hendrix, Janis Joplin e Jim Morrison, e a lidar com a tragédia nacional da Guerra do Vietname (Iovine, 2003).

A canção que dá nome ao álbum “Born to Run” tem como temas a esperança, a rebeldia adolescente numa América que está a mudar (em 1975, acabava a Guerra do Vietname). O catálogo de Springsteen é composto por narrativas de pobreza, de trabalhadores de colarinho azul, de guerra, de crime, de amor e de religião, entre outras. São temas que encontram eco nas pessoas que os ouvem nas músicas.

Ao conduzir sobre a terra batida do parque de estacionamento do bar da praia, hesitei antes de me juntar ao trânsito no Ocean Boulevard. Nesse preciso momento, um carro que saía da ponte de Rumson-Sea Bright passou por mim de janela descida e o condutor, ao reconhecer-me, gritou: ‘Bruce, precisamos de ti’ (Springsteen, 2016b: 499).

A citação acima destacada é o que Bruce Springsteen recorda que lhe foi dito a 11 de Setembro de 2001. Os americanos precisavam que a sua música falasse das experiências vividas por eles, para levantarem os ânimos, ter esperança no futuro. Dez meses depois, foi lançado “The Rising”, álbum muito inspirado nos ataques que assolaram o espírito dos americanos (e não só). O álbum contém letras com um tom mais realista e negro (ex: “Lonesome Day”), mas também tem composições mais positivas (ex: “Waitin’ on a Sunny Day”). Um dos destaques é a música que dá nome ao álbum: “The Rising” é sobre um bombeiro que entra numa das torres depois dos ataques e tenta salvar o máximo de pessoas no meio de condições adversas.

Uma das músicas de Springsteen que chamou mais atenção aos problemas da sociedade americana foi “American Skin (41 Shots)”. A letra fala do caso de Amadou Diallo, imigrante guineense que foi baleado pela polícia de Nova Iorque a 4 de

² Barack Obama atribuiu a Medalha Presidencial da Liberdade a Bruce Springsteen e disse: “Eu sou o Presidente, ele é O Chefe” (Young, 2016).

fevereiro de 1999 à porta do seu apartamento; quatro agentes dispararam 41 vezes, mas só 19 acertaram Diallo (Grunwald, 1999). O erro foi que os agentes confundiram-no com um suspeito de um caso de violação. Este caso causou revolta na sociedade americana, especialmente pelo facto de o imigrante estar desarmado. Em nenhuma altura, “American Skin” fala da polícia de forma depreciativa. Após ver as reações das pessoas à canção, a *Patrolmen’s Benevolent Association*, sindicato que representa o Departamento da Polícia de Nova Iorque, pediu que fosse feito um boicote aos espetáculos de Springsteen (Barnes, 2000). Em 2000, a música recebeu um Prémio Humanitário da Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (Mascriota, 2010: 117).

O objetivo deste ensaio é mostrar até que ponto algumas letras de Bruce Springsteen correspondem à realidade de alguns períodos da História dos Estados Unidos da América. É algo pertinente, pois a música é uma arte que é apreciada por milhares e milhares de pessoas. Este trabalho é composto por três pontos fundamentais que analisam vários períodos da história norte-americana a partir das músicas de Springsteen. O primeiro ponto intitula-se “Bruce Springsteen e uma Nação de imigrantes” e procura salientar o papel que os imigrantes tiveram na construção dos Estados Unidos, desde o século XVI até aos dias atuais. O segundo ponto – “Bruce Springsteen e a Guerra do Vietname” – discute a forma como os veteranos do Vietname foram recebidos quando voltaram aos Estados Unidos depois da guerra que decorreu entre 1954 e 1975. O terceiro e último ponto a tratar, designado por “Bruce Springsteen e a crise económica”, diz respeito ao álbum “Wrecking Ball”, lançado em 2012, quatro anos após a explosão da crise financeira de Wall Street. São destacadas as músicas “Jack of All Trades” e “Death to My Hometown”, que realçam determinadas consequências que advieram da crise. Por fim, a título conclusivo, são apresentadas algumas considerações sobre a veracidade dos factos nas canções de Bruce Springsteen.

Bruce Springsteen e uma Nação de Imigrantes

Em 2017, Donald Trump assinou uma ordem executiva que ficou conhecida como *travel ban*, medida que impede a entrada nos Estados Unidos da América (EUA) a cidadãos de sete países de maioria muçulmana, durante um período de 90 dias (Hamedy, 2018). Mas ao mesmo tempo, a partir do momento que é um impedimento imposto a países e não a pessoas específicas, qualquer pessoa, independentemente das suas intenções, não pode entrar. Com esta medida, o presidente norte-americano queria um maior controlo sobre quem entra nos EUA. Numa conferência de imprensa sobre o ataque que teve lugar numa discoteca em Orlando, em 2016, Trump já tinha dado ideia da sua posição em relação à imigração, mas não deixou de mostrar uma

inconsistência em relação ao que de facto veio a ser a ordem executiva. O presidente norte-americano falou de um “assassino” descendente de afegãos que migraram para os EUA, cujo pai teria intenções de concorrer à presidência do país (CNN). No grupo dos sete países abrangidos pela ordem de Trump – Síria, Iraque, Irão, Somália, Líbia, Iémen e Sudão – não consta o Afeganistão.

Jesse Berney, no artigo de opinião para a revista *Rolling Stone* intitulado “Donald Trump’s Muslim Ban Makes Us All Less American”, levanta uma questão em relação à proibição de Trump: “Conseguem imaginar algo menos Americano?”. O jornalista considera que as intenções do presidente americano vão contra os ideais que fundaram a os EUA: “Se a grandeza da América reside no nosso progresso com vista a uma união mais perfeita, então a ordem de Trump é um passo gigante na direção errada” (Berney, 2017). Os EUA são um país em que é possível encontrar várias comunidades de pessoas de diferentes países, religiões, etnias e preferência políticas. Com isto, objetivo será que exista uma harmonia entre todas estas diferenças, mas, como refere Berney, a ação do presidente faz com que haja um retrocesso nesse caminho.

O acontecimento acima protagonizado por Donald Trump entra, de certa forma, em choque com a História do país norte-americano, que muito se deveu aos imigrantes. Os Estados Unidos são um país de imigrantes, argumento defendido por John F. Kennedy, em 1963, num discurso para a Liga Contra a Difamação (ADL, sigla em inglês) (League, 2013). A par de Kennedy, Bruce Springsteen também não descarta no que toca a recordar a História do seu país. Durante um concerto na Austrália, em 2017, o cantor norte-americano protestou contra o *travel ban*:

Esta noite, queremos juntar as nossas vozes aos milhares de americanos que estão a protestar em aeroportos por todo o nosso país contra o Muslim ban e a detenção de nacionais estrangeiros e refugiados. A América é uma nação de imigrantes, e consideramos isto antidemocrático e fundamentalmente não-americano (in Reed, 2017).

Os comentários foram feitos antes de Springsteen introduzir “American Land”, que descreve como sendo “uma canção de imigrantes” (Springsteen, 2016a). A letra de “American Land” foi inspirada num poema do século XIX intitulado “He Lies in the American Land”, escrito por um trabalhador de uma fábrica de aço, tendo sido depois trabalhado para música por Peter Seeger (Hiatt *et al.*, 2014). Springsteen conservou alguns versos da letra original e expandiu a sua dimensão: na letra original, o foco está mais direcionado para uma família, ao passo que na nova versão os imigrantes têm mais estrofes a eles dedicadas.

*What is this land America, so many travel there
(...)*

I docked at Ellis Island in the city of light and spire

(...)

The Blacks, the Irish, Italians, the Germans and the Jews

They come across the water a thousand miles from home

With nothing in their bellies but the fire down below

(Bruce Springsteen, 2012).

De facto, como Bruce Springsteen dá a entender, muita gente viajou para a América, mas este fenómeno não foi efémero e não foi único. A imigração para a América verificou-se ao longo de vários períodos e é algo que ainda ocorre hoje em dia (Martin, 2011: 2). Susan Martin destaca quatro períodos de imigração para a América: a primeira vaga de colonização, que se compreendeu entre o século XVI e o século XVIII, depois dos três navios espanhóis comandados por Cristóvão Colombo terem desembarcado no Novo Mundo pela primeira vez em 1492 (Peregalli, 1995: 5); a segunda e terceira vaga de migração europeia em massa que aconteceram nos períodos de 1830-1860 e 1880-1924, respetivamente, numa altura em que os Estados Unidos já eram independentes; o mais recente iniciou-se em 1965 e continua até aos dias de hoje, e é caracterizado por migrações da América Latina, Ásia, Caraíbas e África.

Do grupo de pessoas que migrou para os Estados Unidos, Bruce Springsteen, no terceiro verso destacado, menciona três nacionalidades: os irlandeses, os italianos e os alemães. Esta seleção do artista norte-americano não é aleatória.

Devido à crise de fome que se instalou na Irlanda nos anos 40 do século XIX, muitos irlandeses emigraram para os Estados Unidos à procura de uma vida melhor; entre 1840 e 1870, dois milhões de irlandeses entraram no país, sendo que houve um maior fluxo no período de dez anos a partir de 1846 (Jenkins, 2007: 96). Depois dos irlandeses, os alemães formaram o segundo maior grupo de imigrantes a chegar aos Estados Unidos a partir de 1840, com 1.361.506 a entrar no país (Jeffrey, Frederick & Winkler, 199: 336). Este êxodo alemão, que não foi causado por motivos tão adversos como foi o irlandês, caracterizou-se por pessoas que queriam fugir ao desemprego e também por alemães judeus que fugiam à perseguição no seu país (Library of Congress, s/d b).

A vaga italiana chegou mais tarde, perto do final do século XIX. Em 1880, já viviam nos Estados Unidos 300.000 italianos; dez anos depois, esse número duplica, e na viragem do novo século já se verificavam mais de dois milhões de italianos (Library of Congress, s/d a). O que levou os italianos a saírem do país foi o facto de o povo não estar unido e de haver conflitos internos e violência. A chegada dos italianos coincidiu com o aparecimento de um dos maiores símbolos da imigração nos Estados Unidos: a estação de inspeção em Ellis Island, de que Springsteen fala no segundo verso

destacado. Era neste local, símbolo físico inaugurado em 1892 em Nova Iorque (Jenkins, 2007: 175), que grande parte dos imigrantes parava para ser questionada e inspecionada.

*They died building the railroads, they worked to bones and skin
They died in the fields and factories, names scattered in the wind* (Bruce Springsteen, 2012).

Arranjar trabalho era um dos objetivos principais quando os imigrantes pensaram em ir para os Estados Unidos. Os novos imigrantes arranjavam trabalho quando chegavam, a maioria em fábricas e na construção de caminhos-de-ferro (Essays, 2013). Muitos recebiam pouco, trabalhavam sob incerteza económica e faziam turnos longos (Jeffrey, Frederick & Winkler, 1998: 652).

Bruce Springsteen menciona que existiram imigrantes que morreram ao trabalhar nos caminhos-de-ferro, o que de facto aconteceu. Em 2010, o jornal irlandês “Independent” lançou uma notícia que voltava a falar do caso de 57 irlandeses que morreram a trabalhar nos caminhos-de-ferro de Filadélfia e Columbia, por volta de 1830. Primeiro, assumiu-se que todos morreram de cólera, mas em 2010 começou-se a pensar na hipótese de assassínio. Uma análise aos corpos das vítimas mostrou que estes imigrantes estavam malnutridos (Heffernan, 2010).

Desde a primeira vaga do século XVI até aos dias de hoje que os imigrantes têm tido um papel muito importante na formação da identidade dos Estados Unidos da América, como nota Susan Martin (2011). A autora refere que esta é um fenómeno que não vai parar quando escreve “aquilo em que se vai tornar”. Neste ponto, é importante realçar um verso de “American Land” que fala do passado e do presente dos imigrantes: “Their hands that built the country we’re always trying to keep out” (Bruce Springsteen, 2012).

O passado dos imigrantes foi um que estas pessoas ajudaram a formar os Estados Unidos atuais, como escrevem Springsteen e Martin. O próprio Donald Trump é filho de uma mãe imigrante. Em 1929, ano em que se deu o *crash* económico que colocou muita gente na pobreza, Mary Anne MacLeod viajou de barco desde Glasgow até Nova Iorque onde acabaria por conhecer Fred C. Trump (Pilon, 2016). Mike Pence, vice-presidente dos Estados Unidos, também é filho de uma filha de imigrantes. O avô do braço-direito de Trump viajou da Irlanda para a Nova Iorque em 1923, mas depois mudou-se para Chicago para ser condutor de elétrico (Swaine, 2018). Estes excertos das histórias de vida do presidente e vice-presidente americano condizem com o que John F. Kennedy escreveu no seu livro “A Nation of Immigrants”:

Outra maneira de indicar a importância da imigração para a América é dizer que todos os americanos que viveram, com a exceção de um grupo, ou era um imigrante ou descendente de imigrante (Kennedy, 1958).

A realidade atual é a de um país que parece ignorar este passado, algo patente nas ações que Donald Trump protagonizou desde que anunciou a sua candidatura à presidência. E ao ignorar o passado, o país protagoniza ações (ex: a proibição da entrada nos Estados Unidos de pessoas de sete países de maioria muçulmana) que, como escreve Bruce Springsteen no último verso destacado de “American Land”, empurram as pessoas para fora da Terra Americana que ajudaram a formar.

Bruce Springsteen e a Guerra do Vietname

“Born in the USA” mantém-se como uma das minhas melhores e mais incompreendidas canções”
(Springsteen, 2016: 363)

É muito frequente verificar pessoas a confundirem o verdadeiro significado de “Born in the USA”, um dos maiores êxitos da carreira de Bruce Springsteen, lançado em 1984. O erro que muita gente comete é considerar que a letra da canção fala de patriotismo e de um orgulho em ser norte-americano. Mas há uma razão que explica isto: a capa do álbum em que a música é incluída, e que tem o mesmo nome, contém símbolos dos Estados Unidos. O fundo é uma parte da bandeira do país que mostra as linhas vermelhas e brancas a simbolizarem as treze colónias originais. Os outros símbolos são um chapéu de *baseball*, um desporto que é considerado o passatempo da América e que, como Pilkington (2016) afirma, está ligado ao modo de vida dos americanos, e os *blue-collar workers*, personalizado pelo próprio Bruce Springsteen de costas. No *videoclip* de “I’m On Fire”, canção incluída no mesmo álbum, o cantor americano interpreta a personagem de um mecânico, um trabalhador de colarinho azul, e utiliza roupas semelhantes às que estão na capa.

Em vídeos do *Youtube* referentes a “Born in the USA”, encontram-se comentários de pessoas que dizem ter orgulho em nascer no seu país. Outra visão muito comum são pessoas que nos concertos de Springsteen só cantam o refrão da música, que é composto pelas mesmas palavras do título:

*Born in the USA
I was born in the USA
I was born in the USA
Born in the USA, now (Bruce Springsteen, 1984).*

Tanto no primeiro refrão, acima destacado, como nos refrões que se sucedem no resto da música, Springsteen repete várias vezes as palavras “born in the USA”. A

ocorrência destas repetições tem um efeito psicológico sobre quem ouve as repetições. Em vez de o ouvinte ser meramente um ouvinte, pode também sentir-se como um participante (TED-Ed, 2014). No caso de “Born in the USA”, o ouvinte pode sentir-se como a personagem principal da história que diz que nasceu nos Estados Unidos da América. Se não se der atenção ao que vem antes e depois do refrão, perde-se o sentido real da letra.

Em 1984, Ronald Reagan, então presidente dos Estados Unidos, proferiu um discurso positivo quando se referia à música de Springsteen:

O futuro da América repousa em milhares de sonhos dentro dos vossos corações. Repousa na mensagem de esperança em canções de um homem que muitos jovens americanos admiram: o natural de New Jersey Bruce Springsteen (in Strickwerker, 2012).

Springsteen protestou pelo facto de Reagan ter mencionado a sua música num contexto diferente daquele que o músico pensou, e duvidou se de facto o ex-presidente ouviu a música toda (Chao, 2015).

Na verdade, “Born in the USA” não tem a ver sobre patriotismo e o orgulho em ter nascido nos Estados Unidos. A letra dá uma visão da forma como os veteranos da Guerra do Vietname foram recebidos quando regressaram aos Estados Unidos (Springsteen, 2016, p. 362). “Born in the USA” foi lançada em 1984, nove anos depois do fim da Guerra, altura em que as feridas do Vietname ainda estavam muito frescas. A Guerra e os efeitos que dela advieram foram e continuam a ser temas tabu na sociedade americana, que evita falar do que aconteceu (Burns & Novick, 2017).

*So they put a rifle in my hand
Sent me off to a foreign land
To go and kill the yellow man
(...)
I had a brother at Khe Sahn fighting off them Viet Cong
They're still there, he's all gone (Bruce Springsteen, 1984).*

A história da letra é sobre um americano que passa pelo *draft*, sistema que foi instalado em 1969 e que obrigava homens entre os 18 e os 25 a registarem-se, para depois se apresentarem caso os seus nomes fossem seleccionados, como dá conta Valentine (2013). O resultado seria ir para o Vietname, para participar na guerra, situação demonstrada no excerto acima citado. Bruce Springsteen nunca foi seleccionado pelo *draft*, mas aconteceu algo ao músico que aconteceu a milhares de outros americanos: perder pessoas que lhe eram próximas, como os familiares e amigos, que nunca chegaram a voltar a casa (DiPaolo, 2017). Cullen (2005) fala daquele que na altura era

baterista (e amigo) na banda de Springsteen e que nunca voltou, servindo de inspiração para o irmão de que o músico fala no excerto.

A única imprecisão histórica que se verifica em “Born in the USA” é onde Springsteen fala em lutar os Viet Cong na batalha de Khe Sanh. O principal inimigo nessa região era o exército norte-vietnamita, que o músico não menciona e cujos movimentos eram considerados por William Westmoreland, supremo comandante americano em Saigon, como “o principal evento” de um avanço comunista (Jones, 2018).

Era um blues de soldado americano, em que os versos eram um relato do acontecido, e o refrão uma declaração da única coisa que jamais lhe poderia ser negada: o lugar de nascença. O lugar de nascença e o direito a todo o sangue, confusão, bênçãos e graça que vinham com ele (Springsteen, 2016: 363)

Bruce Springsteen classifica a sua canção como sendo de protesto, e para o músico americano, o refrão é “na mó de cima”, cantado com um tom mais positivo do que os outros versos (Springsteen, 2016). Esta também será uma das razões pelas quais o significado da letra é muitas vezes confundido (Guerra & Silva, 2014; Guerra & Januário, 2016). Como escreve o próprio Springsteen: “Os discos são, muitas vezes, testes auditivos de Rorschach; ouvimos aquilo que que queremos ouvir” (Springsteen, 2016).

O título em si não diz nada sobre a mensagem contida na letra da música, mas faz alusão a um sentimento de pertença a um país. A personagem de “Born in the USA” diz que, apesar de o seu país o ter mandado para a guerra e as condições de vida que encontrou quando voltou do Vietname serem piores daquelas que tinha quando foi, os Estados Unidos continuam a ser o seu país. E isso, como escreve Springsteen, ninguém lho tira.

*Come back home to the refinery
Hiring man says, “Son if it was up to me”
Went down to see my V.A. man
He said, “Son don’t you understand”
(...)
Down in the shadow of the penitentiary
Out by the gas fires of the refinery
I’m ten years burning down the road
Nowhere to run, ain’t got nowhere to go” (Bruce Springsteen, 1984).*

Depois de terem tido a felicidade de sobreviverem à Guerra do Vietname, os soldados tiveram de passar por outro momento difícil, ainda que este não se comparasse com o inferno da batalha. Ao contrário dos americanos que regressaram após o fim da

Primeira e Segunda Guerra Mundial, e que foram tratados como heróis, os veteranos do Vietname eram caracterizados como “bens danificados” (MacLean, 2016).

Aliada ao facto de alguns dos veteranos do Vietname não serem recebidos com um “obrigado”, como foi o caso de Cutter (2013), estava a realidade recente que tinha acabado de atingir os Estados Unidos: a recessão que começou em 1969, e que deixou nas mãos da administração de Lyndon B. Johnson um país numa situação difícil; o presidente norte-americano subiu impostos para tentar colmatar os custos da Guerra do Vietname e impedir a inflação (Ro, 2012). Em 1971, as perspetivas já eram baixas para o americano médio, mas eram ainda mais baixas para os veteranos do Vietname (van Gelder, 1971). A razão era porque estas pessoas participaram numa guerra que nunca foi popular e bem vista pelos americanos.

Depois de regressar do Vietname e descobrir que ficou sem o seu antigo emprego na refinaria, a personagem de “Born in the USA” vai ao V.A., que é a sigla para *United States Department of Veterans Affairs* (Departamento dos Assuntos dos Veteranos dos Estados Unidos), onde lhe confirmaram que estava desempregado. O V.A. trata de assuntos como planos de saúde e ajuda financeira, entre outros. Mas a ajuda não era igual para os soldados da Segunda Guerra e os do Vietname. Os segundos receberam menos ajuda que os primeiros (Ro, 2012).

No último excerto destacado, Springsteen refere o desespero da sua personagem, que não sabe a direção que a sua vida vai tomar agora que está de volta. No fundo, quando regressaram aos Estados Unidos, os soldados ficaram surpreendidos com a forma como foram tratados, pois estavam habituados a viver numa sociedade que honrava os seus veteranos (Feist, 2012). Bob Feist, veterano do Vietname, escreveu um artigo de opinião em que relembra que os soldados foram “um pouco esmagados ao voltar a casa”. Feist dá exemplos da forma como eram tratados:

Não tenho noção de muitos veteranos do Vietname que não tenham sido sujeitos a algum desrespeito, seja pessoal ou da cultura que nos chamou de ‘assassinos de bebés’. Nós fomos envergonhados. O meu carro (com um autocolante de uma base militar) foi atingido com um ovo. Eu comprei uma peruca para esconder o meu corte de cabelo militar (Feist, 2012).

Alan Cutter, que acabou a sua *tour* no Vietname em 1972, escreve que foi recebido com hostilidade e indiferença, e também desmistifica a ideia de que os veteranos tiveram uma vida facilitada a partir do momento em que saíram da guerra: “Eu tive ‘sorte’ – Eu sobrevivi à guerra, mas em ‘casa’ a minha existência era muitas vezes incerta” (Cutter, 2013).

Visto que o artigo de Cutter saiu muito depois de Bruce Springsteen ter escrito “Born in the USA”, não foi possível o músico ler o veterano a referir-se ao seu país com aspas, mas a decisão de Cutter, de certo modo, complementa o sentimento que Springsteen incutiu no título da canção: apesar da forma como os recebeu, este continua a ser o país dos veteranos.

Bruce Springsteen e a crise financeira

O álbum “Wrecking Ball” foi lançado em 2012, quatro após a crise de 2008 e três anos depois da recessão de 2009, a mais grave desde a Grande Depressão dos anos 30 (NBER) – os Estados Unidos da América entravam numa das fases mais difíceis da sua história. Dos dezoito álbuns de estúdio que já gravou em toda a sua carreira, o músico considerou “Wrecking Ball” o seu mais raivoso (Appelo & Halperin, 2012). É um álbum que tem como tema principal a injustiça económica.

Após a crise de 2008, fiquei furo com o que algumas empresas de Wall Street tinham feito. O Wrecking Ball foi um grito de raiva perante a injustiça que continua a existir e que se expandiu devido à falta de regulação, à disfuncionalidade das agências de supervisão e ao desregramento do capitalismo às custas dos trabalhadores americanos. A classe média? Pisoteada. A disparidade de rendimentos aumentou sobremaneira ao vivermos uma Segunda Época Dourada. E era sobre isso que queria escrever (Springsteen, 2016: 529)

Das treze canções que compõem o álbum, quatro foram escritas antes de 2011. “Land of Hope and Dreams” foi criada no final do milénio passado e “American Land” ganhou uma nova versão em 2006, mas Bruce Springsteen só lançou a versão estúdio seis anos depois. “Wrecking Ball” foi escrita em 2009 e, tal como “Jack of All Trades”, o músico referiu que escreveu quando estava furioso (Springfield, 2016). “Jack of All Trades” foi uma das primeiras músicas a serem escritas para o álbum, mas nunca chegou a ser escolhida como *single*, ou seja, não foi eleita como uma das faixas para apresentar o álbum. Apesar disto, o refrão da letra apresenta alguns cenários que se verificaram com a crise de 2008 e as consequências que daí advieram:

*The banker man grows fat, the working man grows thin
It's all happened before and it'll happen again
It'll happen again, yeah, they'll bet your life
I'm a Jack of all trades, darling, we'll be alright” (Bruce Springsteen, 2012)*

Springsteen escreve que ricos, que na letra são representados pelos banqueiros, ficaram mais ricos, o que lhes deu a possibilidade para comprar mais comida, tendo ficado mais cheios (“fat”). Em 2010, um relatório da riqueza mundial feito pela Merrill Lynch-Capgemini concluiu que, de facto, os ricos ficaram ainda mais ricos em 2009 e

conseguiram recuperar quase a totalidade das perdas da crise de 2008 (Giannone, 2010).

Por outro lado, os mais pobres ficaram ainda mais pobres, o que resultou em menos possibilidades de comprar comida, então, como consequência, ficaram mais magros (“thin”). O Pew Research Center redigiu um relatório em que mostra que 13% dos agregados familiares recuperaram as suas perdas da recessão que terminou a junho de 2009, mas o resto da população continua a sofrer uma hemorragia nas suas riquezas (News, 2013).

Com a frase “they’ll bet your life” (Eles vão apostar a tua vida), Bruce Springsteen toca num especto importante que também motivou o arrebentar da crise em 2008. Como é explicado em “Inside Job”, documentário de 2010, e representado no filme “The Big Short”³, de 2015, alguns bancos apostaram contra o mercado imobiliário, sabendo que este podia desabar. Ao mesmo tempo, recomendavam a clientes oportunidades de negócio contra as quais tinham apostado (Ferguson *et al.*, 2010).

Desde o *crash* de 1929, foram muitas as recessões económicas que aconteceram nos Estados Unidos, por isso é compreensível que Springsteen escreva que irão existir outras. Éric Toussaint, historiador e cientista político belga, considera que vai existir outra crise financeira e explica porquê: “É absolutamente evidente que a capitalização da bolsa de valores é totalmente exagerada, que não corresponde ao valor real dos bens das grandes corporações” (Srinivasan, 2018).

“Death to my Hometown” é a canção mais explícita de todo o álbum, a começar logo pelo título: “Morte à minha Terra Natal”, em português. Na letra, Bruce Springsteen afirma que quem levou a morte à sua Terra Natal não foram as bolas de canhão, não foram as espingardas nem foram as bombas; foram as más ações económicas que levaram muitas famílias ao desespero.

They destroyed our families, factories, and they took our homes (Bruce Springsteen, 2012).

Duas das formas que destruíram algumas famílias, como refere Springsteen, foi o dinheiro, que começou a aparecer cada vez em menor número, e o facto de as pessoas terem de sair de suas casas: Warner (2010) explica que 20% dos Americanos viram o seu ganho familiar decrescer 25%, no mínimo, e Sullivan (2015) refere que à volta de sete milhões de americanos perderam as suas casas. As fábricas também sofreram, e um grande exemplo disso é Detroit. Depois da crise, a cidade que foi o lugar de

³ O filme, realizado por Adam McKay, é baseado no livro “The Big Short: Inside the Doomsday Machine”, de Michael Lewis, que explica a bolha imobiliária dos anos 2000.

nascimento da indústria automóvel americana e uma das mais ricas dos Estados Unidos tornou-se numa cidade fantasma e as suas fábricas ficaram vazias (Harris, 2009).

Depois de vistos e analisados os efeitos da crise e da recessão, seria de interesse ver se as pessoas que as causaram foram punidas:

*“Whose crimes have gone unpunished now
Who walk the streets as free men now”* (Bruce Springsteen, 2012).

Na verdade, só um executivo de Wall Street, Kareem Serageldin, é que foi preso (Cohan, 2015). Jesse Eisinger, jornalista do The New York Times, investigou o caso e apresentou a seguinte explicação para o facto de ter existido só uma detenção:

Durante a última década, o Departamento de Justiça sofreu uma série de fiascos de ações penais corporativas, o que levou a mudanças importantes na forma como abordaram o crime de colarinho-branco. O departamento começou a focar-se em chegar a acordos em vez de mandatar sentenças de prisão, o que ao longo do tempo retirou, sem intenção, às suas fileiras a experiência necessária para vencerem julgamentos contra as firmas de advogados mais formidáveis (Eisinger, 2014).

No final, o documentário “Inside Job”, tal como as últimas palavras de Springsteen em “Death to my Hometown”, não apresenta um futuro de esperança. A administração Obama entrou em funções no início de 2009 e viu-se em dificuldade para tentar amenizar os efeitos da crise. Mas, segundo Ferguson *et al.* (2010), fez reformas financeiras fracas e algumas das pessoas que foram convidadas a entrar para a administração contribuíram para a crise que estavam a tentar resolver.

Conclusão

Em muitas alturas das nossas vidas, ouvimos canções de forma descontraída, sem grandes preocupações sobre as mensagens que estas contêm. Mas se as estudarmos mais aprofundadamente, podemos verificar que muitas letras são escritas com base em dados reais e não são algo que o artista criou do zero. Ao analisar as letras de Bruce Springsteen, é possível concluir que o músico norte-americano teve o cuidado em não ignorar ou negligenciar factos marcantes da História dos Estados Unidos da América.

Em “American Land”, menciona corretamente as nacionalidades dos maiores grupos de imigrantes nos Estados Unidos da América, tal como o pormenor de Ellis Island, o porto onde eram revistados a maior parte daqueles que queriam entrar no país para arranjar trabalho e uma vida melhor. No final da letra, o músico fala do facto de os americanos agora estarem a puxar os imigrantes para fora, algo que se relaciona com o que se tem passado com a presidência de Donald Trump.

Em “Born in the USA”, vemos uma artista para quem não é tabu falar da Guerra do Vietname e do que realmente se passou, ao contrário da maioria da sociedade americana. Sem embelezamentos, Springsteen fala da forma como os veteranos foram tratados quando regressaram a casa. Corretamente, menciona o facto de que muitos morreram na guerra, e muitos dos que voltaram viram que não tinham grandes opções de emprego. O músico escreve que a sua personagem não tem para onde ir, como quem diz, não tem o que fazer. Isto liga-se à indiferença e aos maus tratamentos de que foram alvo os veteranos.

Com o álbum “Wrecking Ball”, Bruce Springsteen tocou na ferida de milhões de americanos, que perderam as suas casas e empregos. Na canção “Jack of all Trades”, fala do injusto enriquecimento dos banqueiros, ao mesmo tempo que os trabalhadores emagreceram. Em “Death to my Hometown”, num tom mais “furioso”, relembra aquilo que de facto aconteceu depois da crise: de todos os banqueiros que contribuíram, só um é que foi preso; os restantes continuam livres.

As narrativas das letras das canções que foram analisadas podiam somente ser uma narrativa e não ter um fundo de verdade. Mas não é o caso. Como acontece com quase todas as músicas, as de Bruce Springsteen não deixam de ter partes em que a narrativa é pura ficção, mas quanto à História em que elas se baseiam, não existe invenção da parte do artista; pelo contrário. Podemos chegar ao ponto de dizer que as músicas de Bruce Springsteen podem servir de instrumento para ensinar certos períodos da História dos Estados Unidos não só aos alunos que estão na escola, como a adultos.

Referências Bibliográficas

- Appelo, T.; Halperin, S. (2012). Bruce Springsteen's New Album is His 'Angriest' Yet. Disponível em <https://www.hollywoodreporter.com/news/bruce-springsteen-album-angry-281412>. Acedido: 18/04/2019.
- Barnes, J. E. (2000). Springsteen Song About Diallo Prompts Anger From Police. Disponível em <https://www.nytimes.com/2000/06/13/nyregion/springsteen-song-about-diallo-prompts-anger-from-police.html>. Acedido: 18/04/2019.
- Berkowitz, J. (2013). How To Tell Stories With Songs, The Mountain Goats Way. Disponível em <https://www.fastcompany.com/3022531/how-to-tell-stories-with-songs-the-mountain-goats-way>. Acedido: 18/04/2019.
- Berney, J. (2017). Donald Trump's Muslim Ban Makes Us All Less American. Disponível em <https://www.rollingstone.com/politics/news/donald-trumps-muslim-ban-makes-us-all-less-american-w463567>. Acedido: 18/04/2019.
- Burns, K & Novick, L. (2017). Vietnam: The war no one wanted to talk about. Disponível em <https://eu.knoxnews.com/story/opinion/columnists/2017/09/21/vietnam-war-no-one-wanted-talk/680172001/>. Acedido: 18/04/2019.
- Chao, E. (2015). Stop Using My Song: 35 Artists Who Fought Politicians Over Their Music. Disponível em <https://www.rollingstone.com/music/lists/stop-using-my-song-34-artists-who-fought-politicians-over-their-music-20150708/bruce-springsteen-vs-ronald-reagan-bob-dole-and-pat-buchanan-20150629>. Acedido: 18/04/2019.
- CNN (2016). *Trump again calls for ban on Muslim immigrants*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=K0q16V14cVs>. Acedido: 18/04/2019.
- Cohan, W. D. (2015). How Wall Street Bankers Stayed Out of Jail. Disponível em <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2015/09/how-wall-streets-bankers-stayed-out-of-jail/399368/>. Acedido: 18/04/2019.
- Cullen, J. (2005). *Born in the U.S.A.: Bruce Springsteen and the American Tradition*. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press.
- Cutter, A. (2013). Learning to come home from war: no one said 'thank you' to Vietnam vets. Disponível em <https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/apr/13/vietnam-veterans-not-thanked-for-military-service>. Acedido: 18/04/2019.

DiPaolo, B. (2017). Our Lost Sons of Vietnam: 'Oh please, make that not be my brother'. Disponível em <https://www.mypalmbeachpost.com/news/local/our-lost-sons-vietnam-please-make-that-not-brother/TPELhesIhYe138PBxRD2pM/>. Acedido: 18/04/2019.

Eisinger, J. (2014). Why Only One Top Banker Went to Jail for the Financial Crisis. Disponível em <https://www.nytimes.com/2014/05/04/magazine/only-one-top-banker-jail-financial-crisis.html>. Acedido: 18/04/2019.

Essays, UK. (2016). The 19th Century Immigrants Coming Into America History Essay. Disponível em <https://www.ukessays.com/essays/history/the-19th-century-immigrants-coming-into-america-history-essay.php?vref=1>. Acedido: 18/04/2019.

Feist, B. (2012). Disrespect for Vietnam vets is fact, not fiction. Disponível em <http://www.startribune.com/disrespect-for-vietnam-vets-is-fact-not-fiction/160444095/>. Acedido: 18/04/2019.

Ferguson, C. *et al.* (2010). *Inside Job* [Documentário]. Estados Unidos: Sony Pictures Classics.

Giannone, J. A. (2010). World's rich got richer amid '09 recession: report. Disponível em <https://www.reuters.com/article/us-wealthreport/worlds-rich-got-richer-amid-09-recession-report-idUSTRE65L36T20100622>. Acedido: 18/04/2019.

Grunwald, M. (1999). Immigrant Killed by Police Mourned. Disponível em <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/national/daily/feb99/bronx13.htm?noredirect=on>. Acedido: 18/04/2019.

Guerra, P.; Januário, S. (2016). Um espelho é mais do que um espelho. *Revista NAVA*, v. 1, n. 2, p. 202-239.

Guerra, P.; Silva, A. S. (2014). Music and more than music: The approach to difference and identity in the Portuguese punk. *European Journal of Cultural Studies*, v. 18, n. 2, p. 201-223.

Hamedy, S. (2018). Everything you need to know about the travel ban: A timeline. Disponível em <https://edition.cnn.com/2018/06/26/politics/timeline-travel-ban/index.html>. Acedido: 18/04/2019.

Harris, P. (2009). How Detroit, the Motor City, turned into a ghost town. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2009/nov/01/detroit-michigan-economy-recession-unemployment>. Acedido: 18/04/2019.

Heffernan, B. (2010). New evidence suggests 57 Irish railroad workers were murdered. Disponível em <https://www.independent.ie/irish-news/new-evidence-suggests-57-irish-railroad-workers-were-murdered-26672675.html>. Acedido: 18/04/2019.

Hiatt, B. *et al.* (2014). 100 Greatest Bruce Springsteen Songs of All Time. Disponível em <https://www.rollingstone.com/music/lists/100-greatest-bruce-springsteen-songs-of-all-time-20140116/american-land-19691231>. Acedido: 18/04/2019.

Iovine, J. (2003). American Icons: Elvis Presley, Bob Dylan & Bruce Springsteen. Disponível em <https://www.rollingstone.com/music/news/american-icons-elvis-presley-bob-dylan-bruce-springsteen-20030515>. Acedido: 18/04/2019.

Jeffrey, N.; Frederick, H.; Winkler, D. (1998). *The American People: Creating a Nation and a Society* (4.^a ed.). Glenview, Illinois: Adison-Wesley Educational Publishers Inc.

Jenkins, P. (2007). *A History of the United States* (3.^a ed.). Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Jones, G. (2018). The Enduring Debate Over Khe Sanh. Disponível em <https://www.nytimes.com/2018/01/19/opinion/enduring-debate-khe-sanh.html>. Acedido: 18/04/2019.

Kennedy, J. F. (1953). *A Nation of Immigrants*. New York City, New York: HarperCollins.

League, A. D. (2013). *John F. Kennedy*. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ewk_9wQVVz4. Acedido: 18/04/2019.

Library of Congress (s/d). The Great Arrival. Disponível em <https://www.loc.gov/teachers/classroommaterials/presentationsandactivities/presentations/immigration/italian3.html>. Acedido: 18/04/2019.

Library of Congress (s/d)b. A New Surge of Growth. Disponível em <https://www.loc.gov/teachers/classroommaterials/presentationsandactivities/presentations/immigration/german4.html>. Acedido: 18/04/2019.

MacLean, A. (2016). While veterans of World War II prospered, Vietnam veterans suffered economically after coming home. Disponível em <http://blogs.lse.ac.uk/usappblog/2016/03/14/while-veterans-of-world-war-ii-prospered-vietnam-veterans-suffered-economically-after-coming-home/>. Acedido: 18/04/2019.

Martin, S. F. (2011). *A Nation of Immigrants*. Cambridge: Cambridge University Press.

Masciotra, D. (2010). *Working on a Dream: The Progressive Political Vision of Bruce Springsteen*. New York: Continuum International Publishing Group.

Mendoza, M. (2015, 1 maio). The Evolution of Storytelling. Disponível em <https://reporter.rit.edu/tech/evolution-storytelling>. Acedido: 18/04/2019.

National Bureau of Economic Research, the. The Effect of the Economic Crisis on American Households. Disponível em <http://www.nber.org/aginghealth/2010no3/w16407.html>. Disponível em

News, B. (2013, 23 abril). “A stark story of two americas”: Rich got richer and poor got poorer after U.S. recession. Disponível em <http://business.financialpost.com/news/economy/a-stark-story-of-two-americas-rich-got-richer-and-poor-got-poorer-after-u-s-recession>. Acedido: 18/04/2019.

Peregalli, M. (1994). *A América que os europeus encontraram*. São Paulo: Atual Editora.

Pilkington, G. (2016). America’s Pastime: Baseball’s Deep Yet Peculiar Connection to the Human Life Experience. Disponível em <https://medium.com/the-mission/americas-pastime-baseball-s-deep-yet-peculiar-connection-to-the-human-life-experience-98cbb9378a45>. Acedido: 18/04/2019.

Pilon, M. (2016). Donald Trump’s Immigrant Mother. Disponível em <https://www.newyorker.com/news/news-desk/donald-trumps-immigrant-mother>. Acedido: 18/04/2019.

Reed, R. (2017). Bruce Springsteen Slams Trump: ‘America Is a Nation of Immigrants’. Disponível em <https://www.rollingstone.com/music/news/bruce-springsteen-slams-trump-america-is-a-nation-of-immigrants-w463952>. Acedido: 18/04/2019.

Ro, S. (2012). MORGAN STANLEY: This Is What Happened The last Time The US Economy Faced A ‘Fiscal Cliff’. Disponível em <http://www.businessinsider.com/morgan-stanley-fiscal-cliff-2012-4>. Acedido: 18/04/2019.

Ryan, M. (2004). *Narrative Across Media: The Languages of Storytelling*. Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press.

Sigman, M. John Hammond: Lost Interview (Signing Springsteen). Disponível em <https://bestclassicbands.com/john-hammond-bruce-springsteen-4-12-177/>. Acedido: 18/04/2019.

Springsteen, B. (1984). Born in the USA. Disponível em <http://www.springsteenlyrics.com/lyrics.php?song=bornintheusa>. Acedido: 18/04/2019.

Springsteen, B. (2012). American Land. Disponível em <http://www.springsteenlyrics.com/lyrics.php?song=americanland>. Acedido: 18/04/2019.

Springsteen, B. (2012). Death to my Hometown. Disponível em <http://www.springsteenlyrics.com/lyrics.php?song=deathtomyhometown>. Acedido: 18/04/2019.

Springsteen, B. (2012). Jack of All Trades. Disponível em <http://www.springsteenlyrics.com/lyrics.php?song=jackofalltrades>. Acedido: 18/04/2019.

Springsteen, B. [Bruce Springsteen] (2016a). *Bruce Springsteen – American Land*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tpeisHYbKdE>. Acedido: 18/04/2019.

Springsteen, B. (2016 b). *Born to Run: Autobiografia*. New York: Simon & Schuster.

Srinivasan, M. (2018). Sooner or later, there will be another financial crisis. Disponível em <http://www.thehindu.com/business/Economy/sooner-or-later-there-will-be-a-new-financial-crisis/article23577190.ece>. Acedido: 18/04/2019.

Staff, T. (2015). Here's Donald Trump's Presidential Announcement Speech. Disponível em <http://time.com/3923128/donald-trump-announcement-speech/>. Acedido: 18/04/2019.

Strickwerker. (2012). Ronald Reagan – Bruce Springsteen (19.09.1984). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=z8BRWNaOdlc>. Acedido: 18/04/2019.

Sullivan, B. (2015). 7 million Americans lost their homes during the recession. Are they ready to buy again? Disponível em <https://bobsullivan.net/restless/7-million-americans-lost-their-homes-during-the-recession-are-they-ready-to-buy-again/>. Acedido: 18/04/2019.

Swaine, J. (2018). Trump and Pence products of family migration they want to curb, records show. Disponível em <https://www.theguardian.com/us-news/2018/jan/12/trump-pence-migration-records>. Acedido: 18/04/2019.

TED-Ed. (2014). *Why we love repetition in music – Elizabeth Hellmuth Margulis*. Disponível em https://www.youtube.com/watch?time_continue=12&v=1lo8EomDrwA. Acedido: 18/04/2019.

Valentine, T. (2013). Vietnam War Draft. Disponível em <https://thevietnamwar.info/vietnam-war-draft/>. Acedido: 18/04/2019.

Van Gelder, L. (1971). Vietnam Veterans Here Finding Job Hunt Tougher Than in 1970. Disponível em <https://www.nytimes.com/1971/03/11/archives/vietnam-veterans-here-finding-job-hunt-tougher-than-in-1970-vietnam.html>. Acedido: 18/04/2019.

Warner, J. (2010). What the Great Recession Has Done to Family Life. Disponível em <https://www.nytimes.com/2010/08/08/magazine/08FOB-wwln-t.html>. Acedido: 18/04/2019.

Young, A. (2016). President Obama awards Bruce Springsteen the Presidential Medal of Freedom: “I am the President, he is The Boss”. Disponível em <https://consequenceofsound.net/2016/11/president-obama-awards-bruce-springsteen-the-presidential-medal-of-freedom-i-am-the-president-he-is-the-boss/>. Acedido: 18/04/2019.

IS Working Papers

3.^a Série/3rd Series

Editora/Editor: Paula Guerra

Comissão Científica/ Scientific Committee: João Queirós, Maria Manuela Mendes, Sofia Cruz

Uma publicação seriada *online* do

Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

Unidade de I&D 727 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IS Working Papers are an online sequential publication of the

Institute of Sociology of the University of Porto

R&D Unit 727 of the Foundation for Science and Technology

Disponível em/Available on: <http://isociologia.up.pt/pt-pt/pagina/working-papers>

ISSN: 1647-9424

IS Working Paper N.º 78

Título/Title

“Os Estados Unidos da América nas letras de Bruce Springsteen: Ensaio académico”

Autor/Author

Diogo Leal Magalhães

O autor, titular dos direitos desta obra, publica-a nos termos da licença Creative Commons

“Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha” nos Mesmos Termos 2.5 Portugal

(cf. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/>).